

O Intérprete de língua de sinais: reflexões sob a ótica dialógica e alteritária

The sign language interpreter: reflections from a dialogical and alteritarian perspective

Ana Paula Jung

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Neiva Aquino Albrez

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a emersão de intérpretes de línguas de sinais (ILS) nas comunidades surdas no Brasil, a partir de 1980, com o conjunto de ações e conhecimentos produzidos, inscrevendo-se no campo da história da tradução. Parte-se dos registros fotográficos e de vídeo individuais e coletivos e, principalmente, por meio da realização de entrevistas com intérpretes, pautadas nos conceitos da história oral. A metodologia adotada foi história-oral. Este estudo se desenvolveu pautado na perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, de Bakhtin e o círculo. Constata-se que a constituição dos ILS pioneiros se deu nas comunidades surdas, onde a formação se dava por meio da experiência e da constituição alteritária.

Palavras-chave: História de tradutores intérpretes da língua brasileira de sinais e português; História oral; Estudos da tradução; Estudos da interpretação

Abstract: The aim of this paper is to examine the emergence of sign language interpreters (SLIs) in deaf communities in Brazil, from 1980 onwards, as a set of actions and knowledge produced, inscribed in the field of the history of translation. It is based on individual and collective photographic and video records and, mainly, through interviews with interpreters based on oral history concepts. The methodology adopted was oral history. This study was developed based on the enunciative-discursive perspective of language by Bakhtin and the circle. It is found that the constitution of the pioneer ILS took place in the deaf communities, where the formation took place through the experience and the alteritarian constitution.

Keywords: History of brazilian sign language and portuguese translators; Oral history; Translation studies; Interpretation studies

Introdução

As reflexões que acompanharam a consolidação dos estudos da tradução e interpretação das línguas de sinais (ETILS), (campo que se constitui a partir dos Estudos da Tradução), incluem

a necessidade de resgatar e reconstituir a(s) história(s) recente(s) dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais (TILS²), e, a partir delas, compreender essa atuação efetivamente como profissão.

O ofício de intérprete é muito antigo: possivelmente essa atividade passou a existir quando povos com distintas culturas e línguas precisaram comunicar-se entre si. Mais recente é a inserção da história da tradução como uma linha de pesquisa no âmbito dos Estudos da Tradução. Nesse contexto, a história da tradução vem ganhando cada vez mais espaço. Albres (2020, p. 371) afirma que “a história pode ser narrada a partir de um marco temporal, a partir de fatos vividos, com base em registros históricos e memórias, ou a partir das investigações produzidas sobre o tema”.

No campo dos estudos da tradução, tanto a história como objeto de estudo (Steiner, 2005; Berman, 2013), quanto a presença dos tradutores no desenrolar da história (Deslile; Woodsworth, 1998), são temas que vêm contribuindo para a consolidação da linha historiográfica deste campo. No Brasil, alguns pesquisadores tomam esse objeto para si, dentre os quais Wyler (2003) e Silva-Reis e Bagno (2016), a fim de contribuir para a ampliação e o fortalecimento da historiografia da tradução no cenário nacional.

Em estudos que versam sobre a atuação de TILS, Carneiro (2017) aponta que não apenas no Brasil, mas em um contexto mundial, os avanços nas conquistas de direitos pelo segmento das pessoas surdas propiciaram, na mesma medida, o avanço na própria compreensão deste profissional. As comunidades surdas brasileiras, ao se organizarem e agirem em prol das lutas pela garantia de direitos, dentre estes, o de reconhecimento da Libras, ao mesmo tempo em que demandaram a presença de TILS nas articulações de bastidores e nas ações de mobilização, acabaram por motivar seu desenvolvimento e tensionar por sua profissionalização. Assim, com o passar do tempo, a atuação dos TILS, que antes era vista numa perspectiva equivocada, desvalorizada, cada vez mais ocupa posição de destaque (Carneiro, 2017).

A partir deste contexto, o da profissionalização da atuação de TILS no Brasil a partir dos anos 1980, foram desenvolvidos os estudos que constituem a pesquisa que embasa o presente artigo. Este estudo, desenvolvido entre os anos 2020 e 2022, se propôs a analisar as narrativas dos sujeitos acerca de sua constituição como intérpretes de línguas de sinais, considerando, para isso, TILS que atuaram junto às comunidades surdas brasileiras, contribuindo para a historiografia da tradução das línguas de sinais em nosso país.

A partir desta breve evocação do contexto histórico, na seção 1 indicamos como os estudos do discurso, principalmente a partir da abordagem dialógica da linguagem, nos auxiliaram a compreender a alteridade enquanto experiência humana. Em seguida, na seção 2, reconstituímos o percurso metodológico adotado neste estudo, passando à seção 3, na qual trazemos a descrição, a análise e a interpretação das memórias de intérpretes que se formaram no seio das comunidades surdas a partir dos anos de 1980, participantes da pesquisa. Finalizamos o artigo apresentando indícios da constituição dos TILS no Brasil a partir dos anos 1980, rumo ao reconhecimento profissional.

² TILS: refere-se a sujeitos que desenvolvem a atividade de tradutores intérpretes de língua de sinais. Optamos, no decorrer deste artigo, por utilizar tanto essa nomenclatura quanto a denominação de “intérpretes de línguas de sinais” (ILS), considerando a forma como eram chamados estes profissionais pelas comunidades surdas, nos anos de 1980 e 1990, no Brasil.

A constituição social dos intérpretes de línguas de sinais

A perspectiva enunciativa-discursiva apresenta uma complexa rede de conceitos interrelacionados que possibilitam olhar para a existência humana e, consequentemente, para suas criações, sob diferentes vieses de compreensão do sujeito. A partir do pensamento de Bakhtin e do Círculo³, é possível afirmar que um dos aspectos centrais do dialogismo comprehende o sujeito como constituído pelo encontro com o outro. Segundo Bakhtin (2003), “na relação eu-outro, o que vejo do outro o completa, pois ocupo lugar extralocalizado em relação a ele. Por outro lado, o que o outro vê de mim me completa, uma vez que sua posição é da mesma forma extralocalizada em relação a mim”. Nesse movimento dialógico é que nos constituímos: um frente ao outro, um dando completude à existência do outro.

Na concepção bakhtiniana, é essa extração diante do outro, é neste distanciamento que temos do eu para o outro, é deste lugar exotópico, diferente em relação ao outro, que nós, sujeitos sociais, nos tornamos completos. Neste sentido, aquilo que vemos do outro é muito mais completo, pois temos a visão da totalidade que este outro não consegue ter de si. Somos, portanto, constituídos de infinitos acabamentos, que se encontram em constantes transformações. Dito de outra forma, é a vida e sua significação em movimento, uma vez que, para Bakhtin, o sujeito está sempre em constituição.

Ao tomar a linguagem como uma ponte entre o “eu” e o “outro”, o círculo se dedicou a pensar sobre ela a partir da relação entre os sujeitos, num dado tempo histórico e social. Ela (a linguagem) precisa dos dois polos, do eu e do outro, o que faz dela uma atividade relacional, uma produção interacional, legitimamente humana. Neste sentido, Bakhtin ressalta a

complexidade do ato bilateral de conhecer a penetração. O ativismo do cognoscente e o ativismo do que se abre (dialogicidade). A capacidade de conhecer e a capacidade de exprimir a si mesmo. Aqui estamos diante da expressão e do conhecimento (compreensão) da expressão. A complexa dialética do interior e do exterior. O indivíduo não tem apenas meio ambiente, tem também horizonte próprio. A interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível. Os elementos de expressão (o corpo não como materialidade morta, o rosto, os olhos etc.); neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro com o auxílio do outro. [...] O reflexo de mim mesmo no outro. [...] A memória [...]. (Bakhtin, 2017a, p. 58).

O conceito de “alteridade”, numa perspectiva bakhtiniana, nos leva diretamente à concepção de constituição do sujeito. Conforme Magalhães e Oliveira (2011, p. 105), é “na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem, em um processo que não surge de suas próprias consciências, mas de relações socio-históricamente situadas”. Nessa perspectiva, nada acontece fora do contexto no qual o sujeito está inserido. Assim, os TILS se constituem a partir das relações que estabelecem dentro das comunidades surdas brasileiras.

³ Utilizamos a expressão “Bakhtin e o Círculo” por compreender que as produções e pensamentos do que chamamos de “perspectiva enunciativo-discursiva” advém de um grupo de pensadores russos que, no início do século XX, preocupavam-se com a linguagem, cultura, arte e como o ser humano se constituía no mundo, tendo como seus integrantes mais relevantes para os estudos da linguagem os escritores M. Bakhtin, P. Medvídev e V. Volochinov.

Constituição dos intérpretes de língua de sinais nas comunidades surdas

O surgimento dos TILS brasileiros, conforme reforça Carneiro (2017), se deu essencialmente em três instâncias:

(1) no seio da família, devido à existência de cônjuges, irmãos, pais ou filhos surdos (sendo valorizados e respeitados especialmente os CODAs – Child of Deaf Adults, isto é os filhos ouvintes de pais surdos que aprenderam língua de sinais em casa, como primeira língua), (2) nas igrejas, principalmente evangélicas, pela criação de cursos de Libras para a comunidade e necessidade de interpretação nos cultos, e (3) em cursos livres organizados pelas associações de surdos e/ou pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). (Carneiro, 2017, p. 7-8).

O contexto educacional voltado aos estudantes surdos, além destes destacados por Carneiro (2017), é também um espaço privilegiado, onde a circulação da língua de sinais propiciou o desenvolvimento da Libras e, consequentemente, a atuação de intérpretes.

Corroborando com os dados apresentados por Carneiro (2017), encontramos, em Ramos (2004), informações de que, no ano de 1977, alguns profissionais ouvintes ligados à área da surdez fundaram a Feneida – Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo, com sede no Rio de Janeiro, que surge a partir do “desejo de se fundar uma associação a nível nacional” (Ramos, 2004, p. 3). Alguns anos depois, um grupo de lideranças surdas propõe uma assembleia da Feneida, na qual delibera pela destituição da entidade e pela criação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - Feneis (Ramos, 2004).

Nos fios que tecem os bordados da história, é interessante observar que a intérprete responsável pelo registro escrito da ata de criação da entidade foi Geralda Ferreira, participante da pesquisa que deu origem a este artigo. Geralda, que à época atuava em Belo Horizonte (MG) como psicóloga da rede estadual de ensino no campo da educação de surdos, estava no Rio de Janeiro participando de uma formação de um ano no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). É possível depreender que os avanços da profissionalização ocorrem na mesma medida em que os TILS se fizeram presentes nas conquistas dos movimentos surdos organizados.

Na década de 2000 percebem-se significativos avanços nas pautas reivindicadas pelo movimento surdo brasileiro. Além disso, ampliam-se as pesquisas e as publicações acadêmicas relacionadas à educação de surdos na perspectiva socioantropológica, ao status linguístico das línguas de sinais no país e, por consequência, os estudos sobre tradução e interpretação envolvendo a Libras e o português.

Dentre as pautas de reivindicações das comunidades surdas, está a garantia da presença de intérpretes educacionais nos espaços escolares e acadêmicos. Segundo Lemos e Carneiro (2021), a Feneis, em parceria com as Secretarias de Educação dos Estados e com o Ministério da Educação (MEC), realizou muitos cursos de formação de intérpretes educacionais, entre os anos 2001 e 2008.

Neste sentido, coloca-se o intérprete como uma peça-chave para as relações, na medida em que é

“um participante de uma interação entre surdos e ouvintes, a quem cabe organizar essa interação, devendo respeitar as intenções dos participantes dela, em sua condição de ponte entre sujeitos que pretendem comunicar-se nessa interação” (Sobral, 2008, p. 133).

A atuação do TILS pressupõe uma posição mediadora, na qual se deve respeitar o projeto discursivo dos interlocutores sem o seu apagamento, visto que faz parte dessa relação. Para Brito (2013), a natureza coletiva de onde circulava a língua de sinais configurou-se no terreno fértil para as mobilizações surdas. Podemos ampliar essa constatação, afirmando que foi também neste contexto que a emergência de TILS, cada vez mais competentes, passou a ser uma necessidade apontada pelo coletivo surdo e demandada pela sociedade em geral, incorrendo também na busca pela qualificação e consequente profissionalização.

Percorso metodológico da pesquisa

A realização deste estudo se pauta na abordagem qualitativa, uma vez que pode ser compreendida como um tipo de pesquisa que produz conhecimento sobre grupos sociais. Esta abordagem se utiliza de modelos interpretativos de pesquisa e permite a combinação de técnicas como, por exemplo, a observação, a entrevista, a história de vida, a análise de documentos, vídeos, fotos, dentre outros (Lüdke; André, 1986).

Adotamos o método da história oral imbuídas do instrumento de entrevista. Importante destacar que, nessas entrevistas, os participantes compartilham suas experiências e suas percepções do vivido. Lopes (2017, p. 15) afirma que as narrativas “não constituem o passado em si, mas aquilo que os ‘informantes’ (re)constroem desse passado.” Para a autora, uma vez que somos “sujeitos dos discursos, temos a possibilidade de organizar as memórias e (re)contá-las de maneira que façam sentido nas trajetórias” (Lopes, 2017, p. 15).

A história oral, conforme Delgado (2010), se mostra como

um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartilhamento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida. (Delgado, 2010, p. 16).

Sendo uma pesquisa desenvolvida com a intenção de resgatar as memórias dos TILS, a metodologia da história oral teve papel fundamental para este estudo. A pesquisa, desenvolvida entre os anos de 2020 e 2022, compôs 18h e 47s de conteúdo videogravado, proveniente da realização das entrevistas com os participantes. As entrevistas foram realizadas por meio de encontro virtuais, com o apoio de recursos tecnológicos tais como as salas de reunião do Google Meet e do Zoom Meeting, e o estúdio de transmissão do Streamyard (plataforma que possibilita a gravação através da transmissão ao vivo para contas do Youtube). As entrevistas, após realizadas, foram transcritas para a língua portuguesa escrita.

Participantes da pesquisa

As entrevistas temáticas foram realizadas individualmente com os TILS indicados a partir da realização de entrevista exploratória com representação da presidência da Feneis, onde surgiram os nomes indicados no quadro 1.

Quadro 1 – Apresentação sintética dos participantes da pesquisa

	<p><i>ELY PRIETO - Aprendeu Libras em 1979, quando estudou no Seminário Concórdia, que se localizava junto à Escola Especial Concórdia⁴, em Porto Alegre (RS), instituição vinculada à Igreja Luterana e que atendia alunos com deficiência auditiva. Atuou como intérprete desde o início dos anos 1980 na igreja, na Escola e, posteriormente, para líderes da Feneis.</i></p>
	<p><i>RICARDO ERNANI SANDER - Aprendeu Libras nos anos 1980, quando estudou no Seminário Concórdia. Atuou como intérprete desde o início dos anos de 1980 na igreja Luterana, na Escola Especial Concórdia e para os líderes surdos da Feneis. Foi um dos TILS pioneiros na atuação no ensino superior no Brasil e na atuação para a formação de intérpretes de Libras.</i></p>
	<p><i>GERALDA EUSTÁQUIA FERREIRA - Aprendeu Libras a partir de sua atuação como psicóloga na escola de surdos no ano de 1984, bem como a partir de seu contato com o líder surdo mineiro Antônio Campos de Abreu. Atuou como intérprete desde o ano 1989 pela Feneis, contribuindo com a entidade na elaboração de coluna voltada à atuação de TILS na Revista da Feneis.</i></p>
	<p><i>ÂNGELA RUSSO - Começou a aprender Libras em 1982 pelo contato com uma vizinha surda. Passou a atuar como intérprete a partir 1997, após realizar um curso livre oferecido pela Federação Nacional de Educação de Surdos, regional Rio Grande do Sul, com apoio do Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NUPPES/UFRGS).</i></p>

Fonte: Elaborado pelas autoras

Para participar da pesquisa, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo de autorização de uso de imagem e depoimentos em voz e/ou em língua brasileira de sinais. O projeto de pesquisa, encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC em dezembro de 2019, foi aprovado a partir da publicação do parecer nº 3.853.341, em fevereiro de 2020.

⁴ A instituição foi fundada na década de 1960 pelo reverendo Dr. Martin Carlos Warth e por sua esposa, Naomi Hoerlle Warth. Iniciando em 1966, nas dependências do Seminário Concórdia, em Porto Alegre. Desde 1996 denominada Escola Especial Ulbra Concórdia, a unidade passou a integrar a rede de escolas da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/09/referencia-para-pessoas-surdas-ha-54-anos-escola-concordia-pode-f�har-em-dezembro-ckevtbgq1002b01375j4qsat8.html>

A análise dos discursos se baseia nos princípios da abordagem dialógica de Bakhtin e do círculo, a partir da qual se concebe que todo discurso é ideológico, singular e ao mesmo tempo social, e que os sujeitos são constituídos pela linguagem e pelas vivências. Neste sentido, os enunciados captados pelas entrevistas possibilitaram a realização da análise dos discursos dos participantes do estudo.

Revivendo histórias particulares e construindo uma história de classe

A análise dos discursos revelou, primeiramente, a forma como ocorreu a constituição de intérpretes pioneiros no Brasil. Esta constituição se deu de forma simples e diretamente relacionada à convivência com as comunidades surdas. Percebeu-se também que os discursos são positivos, pois trazem memórias relacionadas às lutas das comunidades surdas, nas quais os intérpretes pertencentes a esses momentos históricos emergem com papel importante. Esta valorização das pessoas ouvintes que atuaram na mediação comunicativa envolvendo a língua de sinais emergiu dos discursos narrados por todos os participantes da pesquisa.

Avançando na interpretação dos discursos, selecionamos para este artigo alguns excertos que compõem o *corpus* construído durante a realização das entrevistas da pesquisa. Durante a gravação das memórias narradas por Ângela Russo, a participante relatou que seu primeiro contato com um intérprete ocorreu com Ely Prieto. Apresentamos o excerto da entrevista, do momento em que indica essa primeira referência profissional nos anos de 1990.

Quadro 2 – Transcrição da entrevista de Ângela Russo

	<p><i>Lá no Concordia tinha o pastor Ely Pietro, não sei se você já ouviu falar sobre ele. O Ely Pietro foi uma pessoa bastante ... uma referência para mim, porque eu acompanhava as falas dele com os alunos surdos e eu dizia ... Nossa! Um dia eu vou sinalizar como ele. (risos). [...] Lá na década de 1980. Então, uma pessoa importante que a gente não pode deixar de lado, de falar sobre ele. Né!?</i></p>
---	---

Fonte: Entrevista TILS Ângela Russo - Tomada 1 - 03.06.2020 - Vídeo 1 13:04

Ângela preocupa-se em mencionar o nome de Ely Prieto e destaca sua importância em termos de referência, relatando o quanto aprendemos uns com os outros e que cada pessoa tem sua singularidade. A referência era de um profissional engajado na educação de surdos, que trabalhava na Escola Especial Concórdia, e que se comunicava em língua de sinais, mesmo sendo ouvinte, afirmando sua admiração pela atuação de Ely ao dizer que, à época, pensava “*Nossa! Um dia eu vou sinalizar como ele!*”.

Importante contextualizar que, diferentemente dos dias atuais, nos anos 1990 o Brasil estava começando a discussão sobre educação bilíngue de surdos, mas o que predominava no campo educacional era a proposta de comunicação total⁵, que corrompia a Libras pela imposição da estrutura da língua portuguesa produzida simultaneamente aos sinais.

Quadro 3 – Transcrição da entrevista de Ângela Russo

	<p><i>O Ricardo, ele também, é uma referência não só pra mim. O Ricardo também formou muitos intérpretes por esse Brasil todo. Nossa! Ele teve experiência também fora do país. Ele teve experiência em eventos internacionais e contribui para a minha formação. [...] Eu tenho aqui em casa os DVDs já transpostos das fitas VHS, dos laboratórios práticos do meu curso de 1997.</i></p>
---	---

Fonte: Entrevista TILS Ângela Russo - Tomada 1 - 03.06.2020 - Vídeo 1 1:23 a 1:26

Ângela conta que participou de um curso de 80 horas de formação de intérpretes promovido pela Feneis no ano de 1997, onde teve professores surdos e ouvintes, sendo que a parte prática do curso, chamada de laboratório, ficou a cargo dos surdos Carlos Alberto Góes e André Ribeiro Reichert, além do professor ouvinte Ricardo Sander. Nos discursos, observa-se uma mensagem positiva, de gratidão pela aprendizagem e vivência.

No decorrer da entrevista, Ângela conta que após a finalização do curso, os alunos compuseram a equipe de intérpretes do V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos, realizado no Brasil em abril de 1999, na cidade de Porto Alegre (RS), intitulado “Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos” (foto 2 do álbum a seguir), sob a responsabilidade do Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NUPPES/UFRGS), do qual a entrevistada também passou a participar (foto 1 do álbum a seguir). Ainda segundo os relatos de Ângela, ao término do curso mencionado iniciou sua atuação profissional como intérprete.

Como Ângela citou Ely Prieto como sua referência inicial, a entrevista com o pastor trouxe outros vestígios da história. A Educação de Surdos, seja nas escolas de surdos ou mesmo na Universidade, impulsionou a contratação de intérpretes e consequentemente a formação desses novos profissionais para a época.

⁵ A comunicação total era a [...] maneira, seja pela linguagem oral, seja pela de sinais, seja pela datilologia, seja pela combinação desses modos que, porventura, possam permitir uma comunicação total, seus programas de ação estarão interessados em “aproximar” pessoas e permitir contatos. Facilitar ao surdo sua integração efetiva na comunidade em que ele vive, e na sociedade em que deve participar, com direitos e deveres; respeitada sua diferença, oferecendo-lhe as condições adequadas ao seu bom desenvolvimento psicolinguístico (Ciccone, 1990, p. 07 e 53)

Figura 1 – Álbum de fotografia, página 1 (Foto da esquerda com os participantes de retiro de preparação de TILS para o Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue de 1999 e foto da direita com os participantes do NUPPNES/UFRGS)



Fonte: Acervo pessoal de Ângela Russo cedido para a pesquisa e organizado pelas autoras

A partir das memórias de Ely Prieto evidencia-se o papel da escola de surdos.

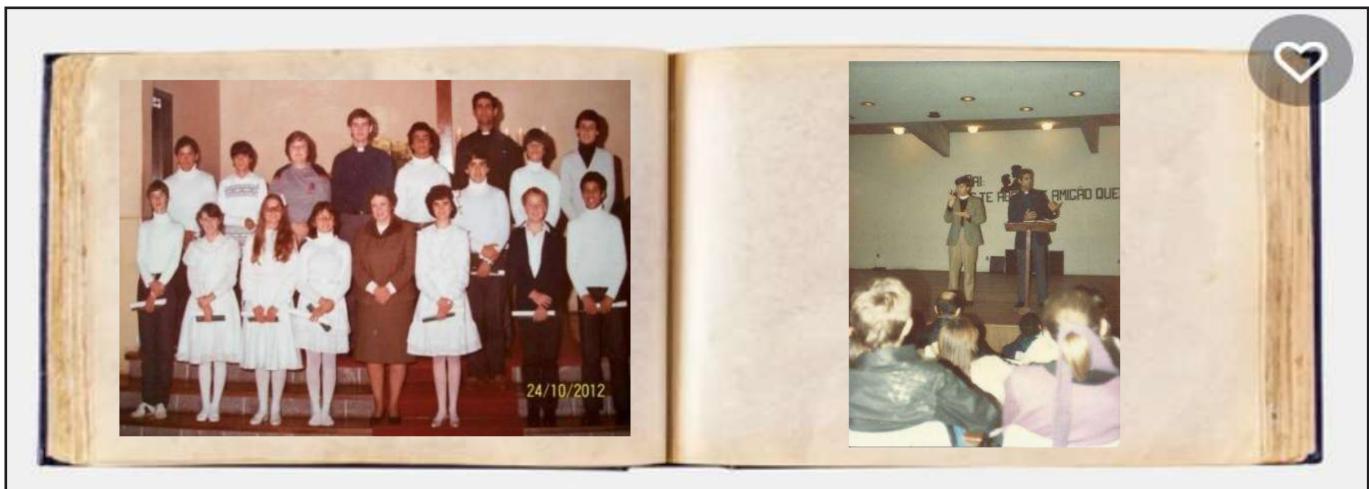
Quadro 4 – Transcrição da entrevista de Ely Prieto

	<p><i>A história da educação de surdos tem uma tradição oral. [...] Naquele tempo a educação era muito mais oralizada, mas a escola especial Concórdia era uma escola de ponta, por conta dos contatos que se tinha com os Estados Unidos. [...]</i></p> <p><i>Eu, Luiz e Ricardo fomos escolhidos para ajudar Dona Naomi a dar aula de religião para os surdos.</i></p>
---	--

Fonte: Entrevista TILS Ely Prieto – 25-01-2021 - Tomada 1 - Vídeo 1 - 10:24

Ely Prieto cita a Escola Especial Concórdia como referência na época. A refração de sentidos se materializa também na mistura entre o discurso científico e o discurso religioso. De um lado está o reconhecimento da língua de sinais como língua de fato e, por outro, explicita-se a ocasionalidade de ser “escolhido por Deus” para fazer parte dessa história.

Figura 2 – Álbum de fotografia, página 2 (Foto da esquerda com a professora Naomi Hoemann, alunos surdos da Escola Concórdia e os então pastores na igreja e foto da direita com o sermão interpretado no dia dos pais)



Fonte: Acervo pessoal de Ricardo Sander cedido para a pesquisa e organizado pelas autoras

Para ilustrar esse trabalho, apresentamos o álbum com fotos desse período. Na primeira imagem, Ely Prieto e Ricardo Sander estão junto a um grupo de pessoas, em pé, no altar localizado dentro da igreja. Os jovens de roupa branca são surdos que participavam de uma cerimônia de confirmação na igreja. Ao centro está a Sra. Naomi Hoemann, referência como educadora e tradutora. Na segunda foto, Ely aparece proferindo uma pregação ocorrida no ano de 1987, nas comemorações da Escola Concórdia para o Dia dos Pais, enquanto Ricardo Sander realiza a interpretação simultânea para Libras. Essa parceria durou alguns anos até que Ely Prieto foi para os Estados Unidos continuar seus estudos.

Um ponto comum entre os discursos está no campo da educação como um grande propulsor de mudanças sociais ao incluir a Libras nos espaços educacionais, o que ganhou mais força e visibilidade a partir de ações de pesquisadores que acreditavam na possibilidade de um mundo diferente, como Carlos Skliar.

Quadro 5 – Transcrição da entrevista de Ricardo Sander

	<p><i>Eu não sei em que ano ele [Skliar] fundou oficialmente [o NUPPES], mas em 97 o professor Skliar disse assim: “Nós vamos fazer um curso para intérpretes.” Se não me engano foram 90 horas. Se não me engano, eu não tenho detalhes disso agora [segura um papel com uma lista de nomes]. Essa lista que eu te mostrei são os escolhidos para serem intérpretes, desculpa, para serem alunos do curso de intérpretes. E aqui está escrito também o professor Carlos Skliar. Aqui são os professores surdos, tem o André, o Carlos Alberto Góes. O André [faz o sinal], O Carlos Alberto [faz o sinal] e a Gisele [faz o sinal] estão aqui relacionados. [...] esse curso foi o primeiro curso dos intérpretes em que a gente deu um pouquinho de “línguística” e um pouquinho de prática. Aí a Ronice entrou muito junto comigo. Eu tenho fotos disso. Tem essa foto aqui, nós trabalhamos práticas. 28 de julho de 97 (olha o registro do quadro negro na foto). [...] Esse grupo durou uns dois ou três meses mais ou menos.</i></p>
---	---

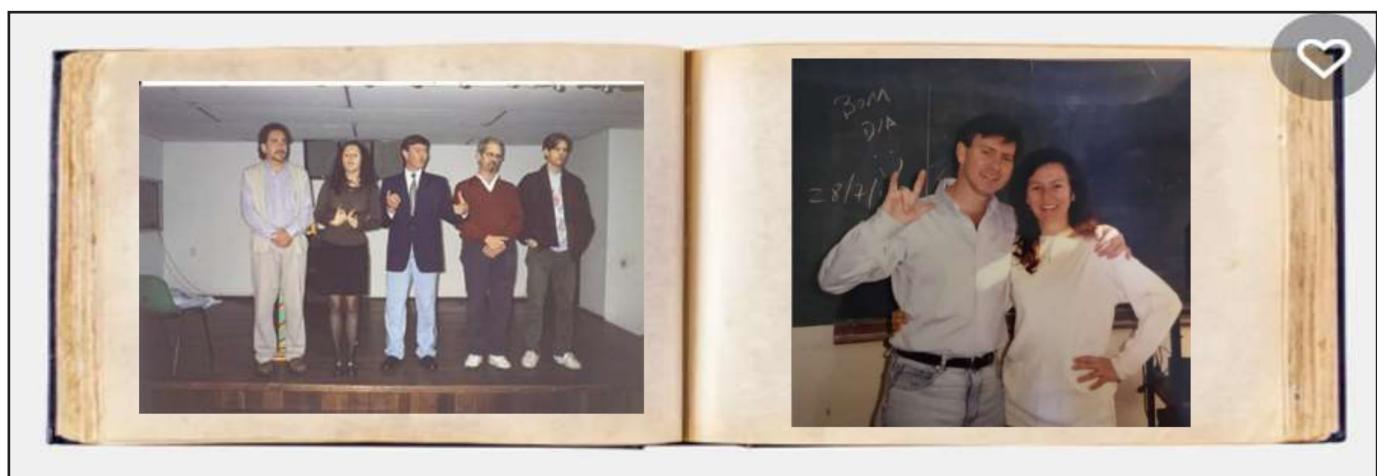
Fonte: Entrevista TILS Ricardo Sander 04/11/20 8:51

As narrativas, tais como estas, enunciadas com o intuito de recontar fatos vividos pelos sujeitos em acontecimentos históricos e sociais, tornam-se os meios pelos quais se historiciza o espaço e o tempo. Conforme Dias e Boas (2019), isso é frequentemente chamado de eventicidade histórica do acontecimento e se expressa a partir da enunciação, uma vez que, dialogicamente

a referida enunciação encontra-se em relação de dependência com a eventicidade histórica, no interior da qual se forma, para se efetivar enquanto a sua representação irrepelível em interação ativa e responsiva com outros lugares e outras posições. Portanto, o acontecimento e o enunciado interpenetram-se ao se constituírem e se regularem nas produções ideológicas de sentido, em sua interdependência. A enunciação torna-se a unidade pela qual representam nossa existência em formação. (Dias; Boas; 2019, p. 88).

A seguir apresentamos o álbum com as fotografias mostradas por Ricardo na entrevista. Na primeira imagem, vemos a equipe de professores do curso de formação de intérpretes realizada no ano de 1997: da esquerda para a direita estão Carlos Skliar, Ronice Muller de Quadros, Ricardo Sander, Carlos Alberto Góes e André Ribeiro Reichert. Na segunda fotografia, Ricardo está acompanhado de Ronice, em uma sala de aula.

Figura 3 – Álbum de fotografia página 3 (Foto da esquerda com os professores do curso de formação de TILS em 1997 e foto da direita Ricardo S. e Ronice Q.)



Fonte: Acervo pessoal de Ricardo Sander cedido para a pesquisa e organizado pelas autoras

Historicamente, estes personagens vão se constituindo como referências para os novos intérpretes. Carlos Skliar sempre foi um pesquisador que estudou profundamente a temática da exclusão sofrida por pessoas surdas. A partir de seus estudos, Skliar comprehende as pessoas surdas como sujeitos constituídos pela perspectiva da diferença, contribuindo significativamente para a construção de discursos e práticas emancipatórias de educação bilíngue no Brasil, afirmando que

caracterizar aos surdos como sujeitos visuais, ou como sujeitos que vivem uma experiência visual, não supõe biologizá-los por outros meios, através de outros sentidos naturais. [...] Representar aos surdos como sujeitos visuais, num sentido ontológico, permite reinterpretar suas tradições comunitárias como construções históricas, culturais, linguísticas e não simplesmente como um efeito de supostos mecanismos de compensação biológicos e/ou cognitivos. (Skliar, 1999, p. 24).

Na época essa era uma posição transgressora, que causava receios por todas as mudanças sociais que tais preceitos levariam, inclusive na inclusão de intérpretes de Libras-português como algo ordinário, necessário e prioritário para uma equidade na educação em diferentes esferas da sociedade.

A história de Geralda também destaca os encontros, as parcerias e as vivências. Em Belo Horizonte (MG) teve como primeiro mestre Antônio Campo de Abreu (surdo), conhecendo-o em uma festa na escola de surdos em que ela trabalhava. Por anos teve contato com os surdos da cidade, envolvendo-se com a associação de surdos e aprendendo Libras pela imersão nessa comunidade. Depois, morou no Rio de Janeiro, com Ana Regina Souza Campello, reconhecida liderança surda carioca, por um ano para cursar a especialização em Educação de Surdos pelo INES/RJ, o que possibilitou aprimorar a sua língua de sinais, experienciando situações de interpretação (Libras e português). Logo passou a figurar na diretoria da Feneis acompanhando projetos políticos e sociais. Em vários episódios de suas narrativas cita os surdos como seus professores.

Quadro 6 – Transcrição de excerto da entrevista de Geralda Eustáquia Ferreira

	<p><i>Acompanhando Shirley, Ana Regina, Fernando Valverde, Antônio Campos principalmente, nessas incursões que eles faziam em... no Brasil inteiro [...]. E... mas eu aprendi muito língua de sinais: foi o meu grande mestre. [...] Jo Antônio ele foi o grande mestre né e eu tenho muito que agradecer, porque ele me estimulou, ele me corrigiu, me chamou a atenção [...]. E isso me possibilitou a conhecer muito. [...] Nós conhecemos basicamente o Brasil de A a Z. E vimos a riqueza cultural sendo passada pros surdos [...] Isso é vitória. Não nossa, mas, a gente ver que num mundo tão grande de ouvintes as pessoas surdas, mesmo sendo minorias, lutaram muito pra alcançar o que elas alcançaram hoje.</i></p>
---	--

Fonte: Entrevista TILS Geralda Eustáquia Ferreira - Tomada 1 - Tomada 1 - 25.11.2020 - Vídeo 1 35:09

Geralda também relata ter aprendido muito com os surdos em eventos, reuniões e situações cotidianas. Esse ponto é bastante similar em todas as entrevistas. Os profissionais que queriam transformar sua prática se beneficiavam imensamente do apoio de intérpretes mais experientes e, na ausência destes, dos próprios surdos para quem interpretavam.

Figura 4 – Álbum de fotografia página 4 (Foto da esquerda Antônio C. de Abreu em manifestação pública interpretada por Geralda Ferreira e na foto da direita um registro de ambos em sua participação na Câmara Técnica da Corde)



Fonte: Acervo pessoal de Geralda Ferreira cedido para a pesquisa e organizado pelas autoras

Em seu álbum, nos deparamos com o registro de uma interpretação no evento 1º Seminário de Integração dos Deficientes Auditivos (1986). Dez anos depois, atuando juntamente com a Feneis na Câmara Técnica da Corde (1996) que culminou com o projeto legislativo para o reconhecimento da Libras, que ocorreu apenas em 2002 (BRASIL, 2002).

As vozes dos participantes desta pesquisa, ou seja, dos intérpretes convidados a narrar sobre suas histórias nas comunidades surdas, reverberam a valorização pelo contato com outros intérpretes, com diferentes experiências internacionais e com a aprendizagem pela vivência prática.

Neste sentido, percebemos a unicidade de cada ser quando nos deparamos com as experiências individuais. Conforme Ponzio (2017)

Viver a partir desse mesmo, de seu próprio lugar singular, assevera Bakhtin, não significa viver para si, por conta própria; antes, é somente de seu próprio lugar o único que é possível o reconhecimento da impossibilidade da não-indiferença pelo outro, a responsabilidade sem alibi em seus confrontos, e por um outro concreto, também ele singular e, portanto, insubstituível. Eu não posso fazer como se eu não estivesse aí; não posso agir, pensar, desejar, sentir como se eu não fosse eu, e cada identificação de si mesmo falha em sua pretensão de identificação com o outro. Mas, ao mesmo tempo, não posso fazer como se o outro não estivesse aí, não um outro genérico, mas o outro na sua singularidade que ocupa um lugar no espaço-tempo e na medida dos valores que eu não posso ocupar, próprio pelo não-álibi de cada um no existir. [...] Esses são todos caracterizados em termos de alteridade e são eu-para-mim, eu-para-o-outro, outro para mim. (PONZIO, 2017, p. 22-23)

Para o nosso olhar de pesquisadoras torna-se importante a compreensão da palavra enquanto um fenômeno ideológico formando-se nas e pelas relações dialógicas entre os sujeitos, em certas configurações e com atribuição de diferentes papéis. São educadores, pastores, secretários, alunos, amigos e, ao mesmo tempo, intérpretes.

Considerações finais

O estudo desenvolvido possibilitou a compreensão da amplitude e da profundidade das experiências daqueles que atuavam como intérpretes em tempos de falta de formação, muitas vezes sendo criticados e desqualificados pelo que faziam e acreditavam, por trabalharem com língua de sinais em tempos que a língua falada (português) tinha maior peso na educação de surdos. Essas práticas interpretativas se formam em processos pelos quais as vidas humanas se constituem e se determinam, em que os sujeitos surdos e ouvintes se percebem em relação a si e ao outro.

De maneira geral, conseguimos perceber que os discursos que emergiram nas entrevistas com os TILS tratam de uma refração de discursos sociais formados nas comunidades surdas. Logo, o início como intérprete é atribuído a um fato ocasional, a um chamado divino ou a algo do destino. Nas entrevistas, a língua de sinais é indicada como algo exótico ou uma linguagem encantadora.

Nas narrativas, o início do contato com as comunidades surdas é interpretado como algo predestinado. Não há uma explicação objetiva da entrada nessa atividade, mas coincidentemente, todos os entrevistados identificam seu começo como algo que foge ao desejo pessoal. Fatos da vida dos entrevistados os colocam em situações de encontro com surdos de forma despretensiosa e, paulatinamente, seu interesse pessoal cresce, tornando a Libras um objeto de comunicação a ser conquistado e a interpretação um desafio a ser enfrentado.

Nas narrativas das entrevistas é notável o quanto a prática e a experiência são valorizadas nos discursos dos participantes da pesquisa, propiciando a construção de uma relação de alteridade, constitutiva dos intérpretes de língua de sinais no Brasil. Muitos dos intérpretes das primeiras gerações, bem como a Feneis, trabalharam arduamente para a formação dos TILS. Isso ocorreu por meio de cursos de capacitação, cursos livres, envolvendo diferentes instituições religiosas (igrejas de diferentes denominações promoviam cursos de libras e de treinamento de intérpretes de língua de sinais) e associativas sem fins lucrativos, como as associações de surdos regionais ou a Feneis.

Referências

- ALBRES, N. A. Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais: uma história contada com as primeiras pesquisadoras. In: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. Florianópolis: Insular, 2020. Disponível em: <https://insular.com.br/produto/estudos-da-traducao-e-interpretacao-de-linguas-de-sinais-contextos-profissionais-formativos-e-politicos/>. Acesso em: 30 ago. 2022.
- BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra; Notas da edição russa: Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. Tradução: Marie-Hélène Catherine de Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. 2 ed. Florianópolis: Copiart, 2013.

CARNEIRO, Teresa Dias. Intérpretes de línguas orais e intérpretes de Libras: semelhanças e diferenças na formação, atuação e status social. **Tradução em Revista**, [S.l], v. 23, p. 2-19, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32233/32233.PDF>. Acesso em: 13 mai. 2019.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DESLILE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Os Tradutores na História**. Trad.: Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

CARNEIRO, Teresa Dias; LEMOS, Glauber de Souza. Panorama histórico de cursos de formação de Tradutores-Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 01-36, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/33393> . Acesso em: 28 jul. 2023.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

DIAS, Fabio Luiz de Castro; VILAS BOAS, Thayrine. Uma relação entre o cronotopo e a palavra: apontamentos epistemológicos e esboços analíticos. **Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas**, Serra Talhada, v. 6, p. 75-97, jan./dez. 2019. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/2868/482483681>. Acesso em: 10 set. 2021.

LOPES, Luciane Bresciani. **Emergência dos Estudos Surdos em Educação no Brasil**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/172212/001058389.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 abr. 2019.

MAGALHÃES, M. C. C.; OLIVEIRA, W. Vygotsky e Bakhtin/Volochinov: dialogia e alteridade. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.5, p.103-115, 1º sem./ 2011.

PONZIO, L. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 9-40.

RAMOS, Clélia Regina. **Histórico da FENEIS até o ano de 1988**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2004. Disponível em: <https://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo6.pdf>. Acesso em 27 jul. 2023.

SILVA-REIS, Dennys; BAGNO, Marcos. Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 81-108, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2016v36n3p81> . Acesso em: 10 jun. 2020.

SKLIAR, C. A Invenção e a Exclusão da Alteridade “deficiente” a partir dos Significados da Normalidade. **Educação & Realidade**, [S. l], v. 24, n. 2, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/55373>. Acesso em: 27 jul. 2023.

STEINER, George. **Depois de Babel**: questões de linguagem e tradução. Trad.: Carlos Alberto Faraco. Curitiba: UFPR, 2005.

SOBRAL, Adair. **Dizer o “mesmo” a outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis**. Uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.